**UMA CARTILHA SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA- NARRATIVAS DA “ÍNDIA” MICAELA**

Ryan Nadson Araújo Silva- UFRN

[*nadsonryan918@gmail.com*](mailto:nadsonryan918@gmail.com)

Maria Aparecida da Silva- UFRN

[*ma899048@gmail.com*](mailto:ma899048@gmail.com)

Maria Alda Jana Dantas de Medeiros- UFRN

[*alda.medeiros@ufrn.br*](mailto:alda.medeiros@ufrn.br)

**INTRODUÇÃO**

O trabalho elaborado dentro das atividades da Oficina de Ensino e Pesquisa em Ensino de História, com foco no Ensino de História Indígena no Seridó, ministrada pela professora Maria Alda Jana Dantas de Medeiros no curso de Licenciatura em História do CERES-UFRN. O objetivo da investida era produzir cartilhas didáticas sobre a História Indígena na região do Seridó, voltadas para a Educação Básica, com a concepção que o conhecimento acadêmico possa expandir a partir da divulgação de tais cartilhas para os professores da rede básica de ensino. Assim, pretendemos relatar nosso processo de construção de uma cartilha didática a qual articula ideias sobre a presença indígena no Seridó, a partir da figura das “caboclas brabas” e das narrativas sobre a “índia” Micaela.

O ensino por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) permite uma visão menos eurocêntrica nos livros didáticos, mas ainda cai nos percalços da quantidade de assuntos bem resumidos e superficiais. Acreditamos que a proposta de um ensino mais inclusivo na disciplina de História, a respeito da questão indígena, pode ser feita, por exemplo, a partir de discussões de autores acadêmicos de diversas etnias, trazendo falas de pessoas que vivem naquela realidade. Podemos exemplificar no livro A queda do céu, publicado no ano de 2019, no qual David Kopenawa fala que os homens brancos são ignorantes a partir do momento que devastam os lugares em que vivem, a água que bebem, dentre outros malefícios que causam para suas terras. Isto remete a importância de ter uma voz que acolhe milhares de outras que já foram exterminadas através da vertigem do homem branco, no que tange a nomes importância do setor acadêmico, de indígenas falando de indígenas e retratando, por meio de artigos e livros, suas culturas.

Dialogamos com a importância da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que obriga o ensino de História Indígena e dos Afro-brasileiros na Educação Básica. Um estudo de Cláudia Cristina do Lago e Vânia Cristina discute a lei a partir da reflexão sobre “a presença da ancestralidade indígena”, de forma que podemos observar a presença das culturas originárias no nosso próprio cotidiano. Com isso, podemos nos atentar mais para os discursos políticos, propagandas, discussões em redes sociais, pregações religiosas, a educação formal e informal, mostrando que a história indígena permeia todos os âmbitos.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, onde desenvolvemos a partir dos escritos do historiador Helder Macedo. Elaboramos alguns fichamentos e participamos de orientações com a historiadora Alda Medeiros. Com o auxílio da internet, empregamos o aplicativo do Canva para produzir a cartilhas. Além disso, utilizamos recursos tecnológicos na criação de QR code que se tornasse acessível para os estudantes e professores que tivessem acesso (direcionando para um vídeo recitando o cordel e para rodas de conversa sobre a questão indígena).

**RESULTADOS**

Dialogamos com estudos acadêmicos já produzidos sobre a questão indígena no sertão seridoense, sobretudo com os trabalhos do historiador Helder Macedo. Apresentaremos como proposta didática a leitura de um cordel e algumas xilogravuras, linguagens artísticas muito recorrentes no sertão nordestino. Pretendemos apresentar as narrativas sobre a “índia” Micaela para nos questionarmos de que forma se construiu o apagamento dos indígenas e das chamadas “caboclas brabas” nas narrativas sobre a história do Seridó e o do estado do Rio Grande do Norte. A partir desse questionamento, pretendemos tomar consciência histórica sobre a população indígena que viveu no atual Seridó.

As narrativas sobre as “caboclas-brabas” aparecem frequentemente nas histórias orais regionais mais reproduzidas entre as cidades de Acari-RN e Carnaúba dos Dantas-RN. Tem-se conhecimento de que essas “caboclas brabas” audazes eram pegas a “dente de cachorro e casco de cavalo” por vaqueiros. Para ter uma melhor compreensão, é essencial entender o que eram as “caboclas brabas” e, também, o que foram as Guerras dos Bárbaros. Em 1687, teve início nos sertões uma série de conflitos bélicos entre colonizadores e povos nativos, os quais resultaram no extermínio de alguns grupos indígenas do Seridó. O que isso acarretou para os povos originários? Devido à expansão da investida colonial em busca de território para serem utilizados para pecuária, foi preciso que os sobreviventes das Guerras dos Bárbaros buscassem refúgios para áreas com maior segurança. Alguns indígenas procuraram refúgio em pés de serras e áreas que pudessem ser habitadas e que contassem com fontes d’água. Eventualmente, alguns fazendeiros da região começaram a entrar nessas áreas e fazer a captura das mulheres indígenas, chamadas de “caboclas-brabas”, para que elas fossem “domesticadas” e “amansadas”.

Uma das narrativas construídas sobre a “índia” Micaela pode ser encontrada em um escrito produzido em 1924, por José de Azevedo Dantas. Nessa versão, conta-se que Micaela era uma “cabocla-braba” que foi capturada nas proximidades na Serra da Rajada, pelos vaqueiros de Caetano Dantas Correia, considerado um dos grandes fazendeiros do Seridó antigo. A partir disso, Micaela foi criada como uma filha adotiva para Caetano Dantas, o qual a “domesticou” e educou.

Em geral, a história do Rio Grande do Norte suscita algumas preocupações sobre a história dos povos indígenas que viviam no Seridó durante o período colonial. Ainda hoje existem muitos relatos de idosos dissertando histórias de nativos resistindo à implantação da burocracia colonial e suas fronteiras interioranas. As narrativas nos mostram um lado inusitado da história do Rio Grande do Norte. Compete aqui mais precisamente falar sobre a presença das “caboclas-brabas”, nos sertões do Seridó, capturadas “a dentes de cachorro e cascos de cavalos”, expressões populares que se referem ao uso da violência.

O termo “cabocla” foi dado às indígenas que se esconderam nas serras ao fugirem da "Guerra dos Bárbaros” para sobreviver. Ao falar dessas sobreviventes, a cabocla Micaela se destaca em tais narrativas. Em uma das versões sobre sua história, a indígena aparece como uma matriarca na genealogia da família Dantas, abundante no Seridó. Em depoimentos orais colhidos pelos municípios de Acari e Carnaúba dos Dantas, o pesquisador Helder Macedo constatou que de acordo com os relatos de antigos moradores da região, Micaela teria percorrido a Serra da Rajada (localizada entre o município de Carnaúba dos Dantas, Acari, parelhas e Jardim do Seridó) quando foi pega “a dente de cachorro e casco de cavalo” por Caetano Dantas Corrêa (1710- 1797), fazendeiro que a nomeou com tal alcunha. Dizem que Micaela era uma índia muito insociável e resistiu à domesticação de Caetano Dantas, mas posteriormente com ele se casou e teve filhos, deixando a descendência dos Dantas do sertão do Seridó. Portanto, temos aqui a primeira versão tecida a respeito da existência da cabocla-braba com o nome de Micaela.

A cartilha foi estruturada a partir da designação do público alvo, direcionado para turmas de 7º ano, mas também adaptável para outros níveis escolares. Entre nossos objetivos, visamos analisar, compreender e promover discussões voltados para a temática indígena no Seridó. Após a exposição dos conteúdos que relatam a vida da “índia” Micaela e das “Caboclas Brabas”, sugerimos metodologias para o professor, junto aos seus alunos, partilharem uma autoanálise da presença indígena no Seridó. Nossa proposta didática propicia o processo de interdisciplinaridade, ou seja, a partir da leitura do cordel presente na cartilha, emerge a possibilidade de trabalhar na disciplina de Língua Portuguesa ao explorar a literatura; ou até mesmo analisar espaço geográfico onde as caboclas bravas se escondiam nos pés de serra, numa articulação com a Geografia.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A resistência das caboclas brabas, o reconhecimento e a valorização são fundamentais para que a presença indígena seja reconhecida no Seridó. A diversidade cultural do Rio Grande do Norte pode incluir uma variedade de grupos originários: Otxakawanes, Cariris, Janduís, entre outros. Embora a colonização tenha tido um impacto significativo na sobrevivência dos povos indígenas no Seridó, muitas culturas e elementos sobreviveram e devem ser preservados. A produção da cartilha didática cumpriu o diálogo com a bibliografia acadêmica e também se preocupou com a divulgação de um material didático, trazendo a discussão indígena para o ensino de história na Educação Básica seridoense. Consideramos que este processo corroborou para o uso da criatividade, visando alcançar recursos didáticos acessíveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Seridó- Indígenas- Caboclas brabas- Micaela

**AGRADECIMENTOS:**

Com subvenção do poeta Carlos Alberto de Araújo e do professor de Língua Portuguesa Hadoock Ezequiel de Araújo Medeiros conseguimos elaborar uma proposta didática que integrasse junto à temática. Ademais, acrescento a colaboração da professora Maria Alda Jana Dantas de Medeiros mediante suas orientações acadêmicas. Agradeço a todos que participaram deste trabalho e confiaram no sucesso do projeto.

**Referências**

DO LAGO BORGES, Cláudia Cristina; DA SILVA, Vânia Cristina. Lei N. 11.645/08: O que Devemos Aprender com os Indígenas? **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 16, n. 31, p. 129-151, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2019.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros. Caboclas brabas: história indígena do Sertão do Seridó por meio das memórias de seus moradores. 2010.V.1 p. 1-13

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros. Reflexões sobre a questão indígena no Seridó. **Revista Espacialidades**, v. 7, n. 01, p. 217-238, 2014.